

ICOSP

coleção cadernos de pesquisa
história da tv brasileira



Centro Cultural São Paulo

Coleção Cadernos de Pesquisa

históriada tv brasileira

Edgard Ribeiro do Amorim



Centro Cultural São Paulo

São Paulo, 2008

copyright ccsp @ 2008

Fotografia de Capa / *João Mussolin*

Centro Cultural São Paulo

Rua Vergueiro, 1.000

01504-000 - Paraíso - São Paulo - SP

Tel: 11 33833438

<http://www.centrocultural.sp.gov.br>

Todos os direitos reservados. É proibido qualquer reprodução para fins comerciais. É obrigatório a citação dos créditos no uso para fins culturais.

Prefeitura do Município de São Paulo	<i>Gilberto Kassab</i>
Secretaria Municipal de Cultura	<i>Carlos Augusto Calil</i>
Centro Cultural São Paulo	<i>Martin Grossmann</i>
Divisão de Informação e Comunicação	<i>Durval Lara</i>
Gerência de Projetos	<i>Alessandra Meleiro</i>
Idealização	<i>Divisão de Pesquisas/IDART</i>
Revisão	<i>Luzia Bonifácio</i>
Diagramação	<i>Lica Keunecke</i>
Capa	<i>Solange Azevedo</i>
Publicação site	<i>Marcia Marani</i>
Autor	<i>Edgard Ribeiro de Amorim</i>

A576h Amorim, Edgard de
História da TV brasileira [recurso eletrônico] / Edgard Ribeiro
de Amorim - São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2007.
123 p. em PDF - (cadernos de pesquisa; v. 11)

ISBN 978-85-86196-22-5

Material disponível na Divisão de Acervos: Documentação e
Conservação do Centro Cultural São Paulo.

1. Televisão - Brasil - História I. Título. II Série.

CDD 791.450981

:: AGRADECIMENTOS

Agnes Zuliani

Dorileo Eugenio Gabriel

Flávio Luiz Porto e Silva

Joyce Teixeira Porto

Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira

Maria Elisa Vercesi de Albuquerque

Marisa Nunes

Roberto Diem

Roseli de Cassia Borelli Carvalho

Vera Achatkin

Walter Tadeu Hardt de Siqueira

:: E aos Assessores de Comunicação das:

Rede Band

Rede Cultura

Rede Globo

TV Gazeta

Por nos enviarem fotos de suas programações da década 2000.

:: PREFÁCIO

A “Coleção cadernos de pesquisa” é composta por fascículos produzidos pelos pesquisadores da Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo, que sucedeu o Centro de Pesquisas sobre Arte Brasileira Contemporânea do antigo Idart (Departamento de Informação e Documentação Artística). Como parte das comemorações dos 30 anos do Idart, as Equipes Técnicas de Pesquisa e o Arquivo Multimeios elaboraram vinte fascículos, que agora são publicados no site do CCSP. A Coleção apresenta uma rica diversidade temática, de acordo com a especificidade de cada Equipe em sua área de pesquisa – cinema, desenho industrial/artes gráficas, teatro, televisão, fotografia, música – e acaba por refletir a heterogeneidade das fontes documentais armazenadas no Arquivo Multimeios do Idart.

É importante destacar que a atual gestão prioriza a manutenção da tradição de pesquisa que caracteriza o Centro Cultural desde sua criação, ao estimular o espírito de pesquisa nas atividades de todas as divisões. Programação, ação, mediação e acesso cultural, conservação e documentação, tornam-se, assim, vetores indissociáveis.

Alguns fascículos trazem depoimentos de profissionais referenciais nas áreas em que estão inseridos, seguindo um roteiro em que a trajetória pessoal insere-se no contexto histórico. Outros fascículos são estruturados a partir da transcrição de debates que ocorreram no CCSP. Esta forma de registro - que cria uma memória documental a partir de depoimentos pessoais - compunha uma prática do antigo Idart.

Os pesquisadores tiveram a preocupação de registrar e refletir sobre certas vertentes da produção artística brasileira. Tomemos alguns exemplos: o pesquisador André Gatti mapeia e identifica as principais tendências que caracterizaram o desenvolvimento da exibição comercial na cidade de São Paulo em “A exibição cinematográfica: ontem, hoje e amanhã”. Mostra o novo painel da exibição brasileira contemporânea enfocando o

surgimento de alguns novos circuitos e as perspectivas futuras das salas de exibição.

Já “A criação gráfica 70/90: um olhar sobre três décadas”, de Márcia Denser e Márcia Marani traz ênfase na criação gráfica como o setor que realiza a identidade corporativa e o projeto editorial. Há transcrição de depoimentos de 10 significativos designers brasileiros, em que a experiência pessoal é inserida no universo da criação gráfica.

“A evolução do design de mobília no Brasil (mobília brasileira contemporânea)”, de Cláudia Bianchi, Marcos Cartum e Maria Lydia Fiammingui trata da trajetória do desenho industrial brasileiro a partir da década de 1950, enfocando as particularidades da evolução do design de móvel no Brasil.

A evolução de novos materiais, linguagens e tecnologias também encontra-se em “Novas linguagens, novas tecnologias”, organizado por Andréa Andira Leite, que traça um panorama das tendências do design brasileiro das últimas duas décadas.

“Caderno Seminário Dramaturgia”, de Ana Rebouças traz a transcrição do “Seminário interações, interferências e transformações: a prática da dramaturgia” realizado no CCSP, enfocando questões relacionadas ao desenvolvimento da dramaturgia brasileira contemporânea. Procurando suprir a carência de divulgação do trabalho de grupos de teatro infantil e jovem da década de 80, “Um pouquinho do teatro infantil”, organizado por Maria José de Almeida Battaglia, traz o resultado de uma pesquisa documental realizada no Arquivo Multimeios.

A documentação fotográfica, que constituiu uma prática sistemática das equipes de pesquisa do Idart durante os anos de sua existência, é evidenciada no fascículo organizado por Marta Regina Paolicchi, “Fotografia: Fredi Kleemann”, que registrou importantes momentos da cena teatral brasileira.

Na área de música, um panorama da composição contemporânea e da música nova brasileira é revelado em “Música Contemporânea I” e

“Música Contemporânea II” – que traz depoimentos dos compositores Flô Menezes, Edson Zampronha, Sílvio Ferraz, Mário Ficarelli e Marcos Câmara. Já “Tributos Música Brasileira” presta homenagem a personalidades que contribuíram para a música paulistana, trazendo transcrições de entrevistas com a folclorista Oneyda Alvarenga, com o compositor Camargo Guarnieri e com a compositora Lina Pires de Campos.

Esperamos com a publicação dos e-books “Coleção cadernos de pesquisa”, no site do CCSP, democratizar o acesso a parte de seu rico acervo, utilizando a mídia digital como um poderoso canal de extroversão, e caminhando no sentido de estruturar um centro virtual de referência cultural e artística. Dessa forma, a iniciativa está em consonância com a atual concepção do CCSP, que prioriza a interdisciplinaridade, a comunicação entre as divisões e equipes, a integração de pesquisa na esfera do trabalho curatorial e a difusão de nosso acervo de forma ampla.

Martin Grossmann
Diretor

:: A TELEVISÃO BRASILEIRA

A influência da televisão na indústria cultural brasileira e no comportamento social é indiscutível. Sua veiculação alterou valores e impôs costumes, formando, mesmo dentro dos desníveis sócio-econômicos, uma população totalmente envolvida por suas informações.

Mostrar a trajetória histórica da televisão, desde a década de 50 até a atualidade, é a proposta desta publicação.

:: DÉCADA DE 50

Como já tem sido escrito em diversas pesquisas históricas, a televisão brasileira, na década de 50, teve um caráter de aventura, com o pioneirismo de seus profissionais desbravando os mistérios do novo veículo.

Inaugurada em 18 de setembro de 1950, em São Paulo, com a TV Tupi Canal 3, a televisão transmitiu, desde o início, uma programação diversificada.

Os primeiros anos foram marcados pela fase de aprendizagem, tanto para os responsáveis pela parte técnica, que adquiriam maior formação profissional na prática, como para os da parte artística, que se expressavam dentro dos conhecimentos adquiridos no rádio, no cinema e no teatro. Os recursos técnicos eram poucos, com um equipamento mínimo para manter uma estação no ar.

Mesmo assim, o veículo ia se expandindo e fazendo sua conquista pelo país.

Em janeiro de 1951, inaugurava-se a TV Tupi Canal 6, no Rio de Janeiro; em março de 1952, inaugurava-se a TV Paulista Canal 5, em São Paulo, e em setembro de 1953, a TV Record Canal 7, também em São Paulo.

Embora ainda longe de ter encontrado uma linguagem televisiva, São Paulo, nessa época, era considerado o melhor centro produtor.

Com pouco horário de permanência no ar, em geral das 18 às 22 horas, a programação exibia diferentes gêneros, todos encarados com extrema seriedade de realização.

Um deles, o teleteatro, foi o mais significativo laboratório do

surgimento de uma linguagem dramática televisiva. Importantes obras nacionais e estrangeiras eram exibidas, com excelentes níveis de adaptação e interpretação.

A encenação continha-se dentro das possibilidades técnicas e do pequeno valor econômico destinado às produções, o que fazia com que a criatividade dos profissionais envolvidos se evidenciasse ao máximo. Os cenários eram mais inventivos que ricos, e os figurinos eram trazidos pelos próprios atores, que adaptavam ou alugavam roupas para suas encenações.

O telejornalismo, gênero sempre muito produzido, era mais lido que ilustrado, e as notícias eram, em grande parte, obtidas dos jornais impressos, já que os noticiários televisivos só eram exibidos à noite. Com o desenvolvimento econômico e artístico das emissoras, matérias próprias locais começaram a ser produzidas. Quando havia uma reportagem de interesse fora da cidade, o jornalista tinha que pagar a própria passagem ou conseguir patrocínio para realizá-la.

A telenovela, apesar de constante no ar desde 1951, não tinha a duração nem a importância popular das atuais. Quase sempre eram adaptações da literatura brasileira ou internacional. Muito prestigiadas foram as telenovelas infanto-juvenis, com bom nível de encenação e intenções educativas. Eram levadas ao ar uma ou duas vezes por semana. Havia também o seriado infanto-juvenil, com aventuras vividas por heróis como Capitão Sete, O Falcão Negro, os de ficção científica como Lever no Espaço, entre outros, e os seriados românticos, cujo exemplo mais expressivo foi Alô Doçura, da TV Tupi.

O musical, gênero muito utilizado nessa época, era produzido desde as mais simples cópias de programas radiofônicos até pretensiosas superproduções no estilo dos musicais cinematográficos norte-americanos, guardadas as devidas proporções financeiras.

Havia, também, importantes programas de música erudita.

O humor era feito através de quadros ou pequenas histórias, utilizando, quando possível, a presença de auditório.

Havia programas de circo, transpostos para o estúdio exatamente como se apresentavam no picadeiro. Havia ainda quadros de humor nos programas infantis.

Os programas de entrevistas ou debates tinham esquemas mais livres,

e a duração era quase que estabelecida pelo interesse despertado pelo assunto, visto que eram emitidos como última atração da emissora. Como eram ao vivo, o tema era comentado não só entre os participantes convidados, mas entre os telespectadores, que telefonavam à emissora, intervindo com perguntas e opiniões.

Essa interação emissora-telespectador ao vivo se perdeu quando os programas passaram a ser gravados em videotape e só foi recuperada nos anos 90.

O intervalo comercial, além de veicular a publicidade, tinha a oportuna característica de socorrer erros da programação sempre que um problema técnico acontecesse ao vivo ou um estúdio ainda não estivesse pronto para a próxima atração. Havia a famosa garota-propaganda, que, com seu charme, elegância ou beleza, atraíam maior audiência quando exibiam os produtos.

Entre erros e acertos, os conhecimentos televisivos foram se aprimorando, e o horário de permanência diária da estação no ar, aumentando.

Em meados da década de 50, o veículo iniciou sua imposição como meio de comunicação. O número de emissoras cresceu no Rio de Janeiro. Outras cidades, como Belo Horizonte, Curitiba, e, mais tarde, Porto Alegre, inauguraram suas estações de TV. O processo de nacionalização da construção dos aparelhos se acelerou, importando-se, cada vez menor número de peças para compor o televisor. Esse fato propiciou seu barateamento e intensificou as vendas. Em 1956, calculava-se que existiam 260 mil aparelhos com, aproximadamente, um milhão e meio de telespectadores em todo o país.

O IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, criado em 1954, realizava pesquisas, estimulando gêneros de programação e incentivando a publicidade a se comunicar mais intensivamente nos horários de melhor audiência.

Em 1956, pela primeira vez em São Paulo, as três emissoras de TV reunidas arrecadaram mais dinheiro publicitário que as treze emissoras de rádio paulistas juntas. Deixavam, assim, as rádios, de ser o principal sustentáculo financeiro da televisão, visto que as três emissoras de TV, em São Paulo, pertenciam a grandes grupos radiofônicos que, até então, as amparavam.

Nos primeiros anos da televisão, as programações das emissoras eram voltadas basicamente à área de alcance de suas transmissões, o que lhes conferia um caráter nitidamente local. As transmissões externas (in loco) eram as esportivas, com equipamentos rudimentares, imagem de má qualidade e muitos problemas técnicos acontecendo no ar. Entretanto, foi através do esporte que o veículo não só começou a conquistar um público mais popular, mas também arrojou-se a uma importante aventura: a transmissão a longa distância.

A primeira realização coube à TV Record de São Paulo, em 1956, que transmitiu, da cidade de Campinas (SP) para a cidade de São Paulo, um jogo futebolístico. Para rivalizar com as outras emissoras, a Record lançou o slogan “100 quilômetros à frente”. O passo estava dado. Daí em diante, diversas outras transmissões a distância foram realizadas, inclusive pela mesma TV Record, que fez a primeira transmissão interestadual, exibindo o grande prêmio do Jockey Clube do Rio de Janeiro para o público paulista. Nesse evento, em reportagem na praia de Copacabana, as pessoas entrevistadas não acreditavam que estivessem sendo vistas em São Paulo.

As transmissões eram feitas através da colocação estratégica de muitos retransmissores de ondas entre as cidades envolvidas.

Com o tempo, intensificaram-se as transmissões sistemáticas (diárias) para cidades próximas, como Santos (SP).

Aos poucos, perdia a televisão a idéia de regionalização.

A idéia de formação de redes, no entanto, estava longe de ser cogitada.

Em termos de conquistas técnicas do veículo, melhores equipamentos foram sendo adquiridos pelas emissoras. Em 1957, foi feita a primeira experiência de videoteipe (gravação de som e imagem em fita magnética) na TV Rio Canal 13, no Rio de Janeiro, num programa de Chico Anísio, no qual o comediante dialogava consigo mesmo. Talvez pelo alto custo do equipamento ou pela desinformação da idéia de sua utilização na industrialização da televisão, a experiência não teve continuidade.

Ante as novas conquistas de mercado e já impressionadas com a força de comunicação da televisão, as agências publicitárias começaram a pesquisar os hábitos de consumo do telespectador e saber que produtos

seriam melhor veiculados, trazendo melhores lucros. Acelerava-se, então, o fator que viria a se impor como uma das maiores forças desse meio de comunicação — a publicidade.

Desde o começo, a televisão utilizou filmes, de curta ou longa duração, chegando a produzir pequenos números musicais cinematográficos para serem exibidos. A partir de 1958, surgiu no vídeo, principalmente no eixo Rio--São Paulo, a veiculação de séries cinematográficas importadas dos Estados Unidos.

Ante um custo mais barato de programação em relação à telenovela e ao teleteatro, a iniciativa trouxe vantagens para as emissoras, e logo se tornou uma das preferências do público. Causou muitas polêmicas, porém, no meio artístico, por diminuir o espaço de atuação dos profissionais brasileiros de televisão.

Pelo final da década de 50, a programação já alcançava quase o dia todo, do meio-dia até os longos teleteatros ou entrevistas políticas que se estendiam madrugada adentro.

11 Vivendo a euforia industrial brasileira impulsionada pelo então presidente Juscelino Kubitschek, a indústria eletrônica desenvolveu esforços para construir aparelhos receptores de TV totalmente brasileiros, que podiam ser comprados pela nova modalidade de crediários que estavam se popularizando no mercado econômico interno do país. Assim, a televisão começou a conquistar novo público entre as camadas da população de menor poder aquisitivo.

Em 1959, contava já o Brasil com doze emissoras em pleno funcionamento.

Em conseqüência à sua expansão, a televisão foi popularizando seus temas.

Apenas o teleteatro, com cada vez melhor qualidade de encenação, mantinha-se acima do nível intelectual médio do novo público conquistado. Os programas de humor e musical se intensificaram, bem como as transmissões esportivas.

Ante a grande penetração em todas as camadas da população, o Ministério da Justiça promulgou a primeira legislação regulamentando a censura de televisão no Brasil.



Câmeras e equipamentos para instalação da TV Tupi desfilam em caminhões por São Paulo-1950. AMM.CCSP

12



Sua Vida Me Pertence - primeira telenovela da Televisão Brasileira - TV Tupi-1951. Na foto Vida Alves e Walter Foster. AMM.CCSP



Show Na Taba- programa inaugural da TV Tupi-1950. Na foto Lia Marques. Arquivo Multimeios. CCSP



Programa TV de Vanguarda - TV Tupi-1952. Na foto Lima Duarte e Dionísio Azevedo. Arquivo Multimeios. CCSP.



O Sítio do Picapau Amarelo
-seriado- TV Tupi- 1952. Na foto
Lúcia Lambertini. AMM. CCSP.



Helena - telenovela -
TV Paulista-1952. Na foto Jane
Batista e Vera Nunes.AMM. CCSP.

15



Programa Clube dos Artistas- TV Tupi-1954. Na foto,entre outras, Márcia Real, Marli Bueno, Maria Cecília, Lolita Rodrigues e Wilma Bentivegna. AMM. CCSP.

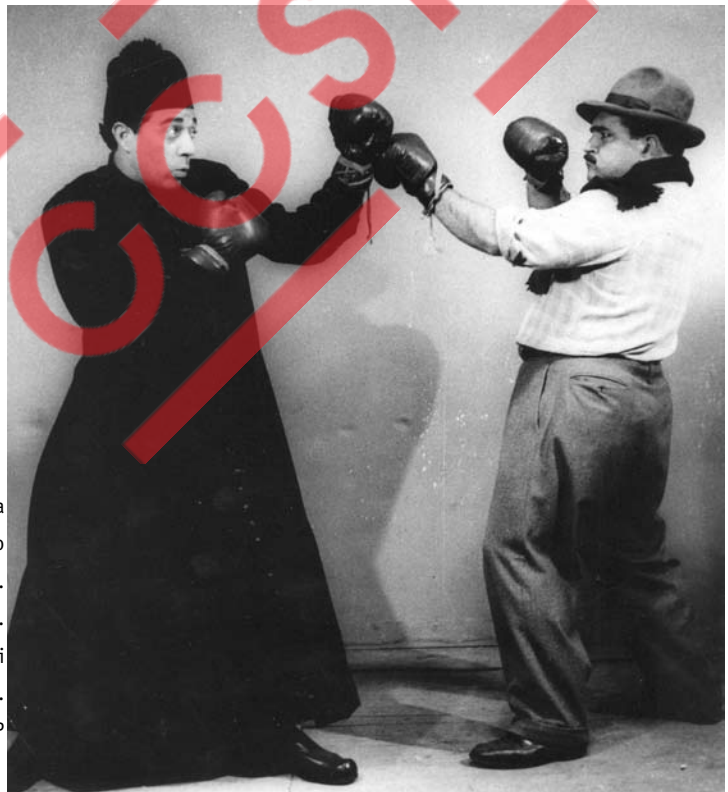


Programa Alô Doçura-TV Tupi-1954. Na foto Cassiano Gabus Mendes, Eva Wilma e John Herbert. AMM.CCSP.



Programa O Céu é o Limite.TV Tupi- 1954.
AMM.CCSP

16



Programa
O Pequeno Mundo
de D. Camilo.
TV Tupi-1954.
Na foto Otelo Zeloni
e Heitor de Andrade.
AMM.CCSP



Programa Teleteatro Cacilda Becker - TV Record-1955. Na foto Fredi Kleemann, Sérgio Cardoso, Cacilda Becker e Cleide Yáconis. Arquivo Multimeios. CCSP.

17



Programa Musical - TV Record-1955. Arquivo Multimeios. CCSP.



Seriado Capitão 7 - TV Record-1956. Na foto Ayres Campos e Idalina de Oliveira (sentados). AMM.CCSP

18



Programa Circo do Arrelia. TV Record. 1956. Na foto os palhaços Arrelia e Pimentinha. AMM. CCSP

19



Programa Musical - TV Paulista-1956. Na foto, Wilma Bentivegna, Hebe Camargo e Francisco Negrão. AMM. CCSP.



Pollyana - seriado - TV Tupi-1956. Na foto Verinha Darcy. AMM.CCSP.



20

Programa Clube do Papai Noel - TV Tupi - 1957. Arquivo Maria Valéria.

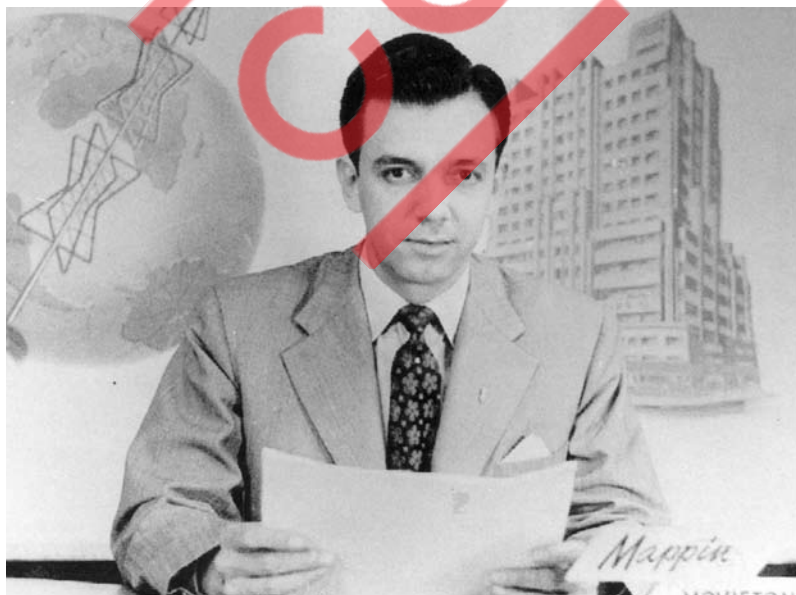


Programa Eles cantam para você-TV Record-1957. Na foto, em pé, a cantora Carmem Costa. AMM. CCSP.

21



Programa TV de Comédia.TV Tupi.1958. Foto-Luiz Orioni, Perci Ayres,Laura Cardoso, Néa Simões, Márcia Real, Fernando Baleroni, Maria Valéria, Luiz Gustavo. Arquivo Maria Valéria.



Programa
Telejornal
Mappin
Movietone.
TV Paulista.
1958. Arquivo
particular.



Programa Astros do Disco - TV Record - 1958. Na foto a cantora Maysa sendo homenageada. Arquivo Multimeios.CCSP



Programa Edição Extra.TV Tupi-1958. Na foto José Carlos de Moraes (Tico-tico) e Maurício Loureiro Gama. AMM. CCSP.



Angelika - telenovela - TV Tupi-1959. Na foto Adriano Stuart, Regina do Amaral e Hernê Lebon. AMM.CCSP

23



Programa TV de Comédia - TV Tupi-1959. Na foto Glória Menezes e Perci Ayres. AMM. CCSP.

:: DÉCADA DE 60

Período de grande renovação em todos os setores de atividade, os anos 60 trouxeram manifestações sócio-culturais que alteraram profundamente o comportamento em todo o mundo. A ameaça nuclear, a guerra do Vietnã, o aparecimento dos Beatles, as repressões militares, a revolução estudantil internacional em 1968, a contra-cultura hippie, aliados à grande explosão tecnológica, à cibernética, ao homem na Lua, proporcionaram condições favoráveis para que a televisão se consolidasse como o mais importante meio de comunicação de massa, inclusive no Brasil, estabelecendo um contato íntimo do telespectador com os fatos ocorridos.

A partir de 1960, a televisão brasileira acelerou o uso do videoteipe ao perceber sua utilidade técnica e artística. O aparelho permitiu que o veículo se estruturasse como empresa industrial, espalhando seus programas por todo o país. Embora muitos profissionais, no início, o censurassem como um estabilizador de emoções, que tornava a atuação artística fria e mecânica, outros logo o reconheceram como o grande incentivador técnico de uma nova linguagem artística para a televisão.

O VT permitiu que a televisão comercializasse seus programas e que se inaugurassem, nos anos 60, mais 27 emissoras no país, com 80% de sua programação exibindo, em VT, as produções do eixo Rio--São Paulo.

Dez anos depois de sua fundação, o veículo mostrou-se um investimento de porte nacional. Dentro dessa nova perspectiva, surgiu, em 1960, em São Paulo, a TV Excelsior, emissora que revolucionaria os padrões existentes.

A contribuição maior desse novo canal de televisão, cujo reflexo é sentido até a atualidade, foi a filosofia de programação com o objetivo de industrialização de seus produtos, a formação de rede nacional e a valorização do profissional.

A Excelsior deu ênfase especial à produção de telenovelas, veiculando-a diariamente, a partir de 1963, aumentando o mercado de trabalho e nacionalizando o horário nobre da TV, até então dominado por filmes seriados estrangeiros. Comercializando, em videoteipe, sua produção por todo o país, a emissora iniciou a implantação da programação em rede

nacional. Com a industrialização do gênero e a conquista diária do horário nobre, a produção de telenovela iniciou sua massificação e mistificação na vida brasileira. No início, continha em sua estrutura narrativa toda a essência maniqueísta do folhetim do século 19: a rígida separação entre o bem e o mal e a imposição de personagens formais, com heróis obrigatoriamente defensores da virtude de mocinhas ingênuas e castas. O teledrama cubano *O Direito de Nascer*, da TV Tupi, foi o mais expressivo exemplo, alcançando um sucesso de audiência estrondoso. Entretanto, esse tipo de temática começou a ser ameaçado pela introdução de assuntos ligados à realidade brasileira, por autores como Raimundo Lopes, Ivani Ribeiro, Gianfrancesco Guarnieri, Dias Gomes, Jorge Andrade e outros. Em 1968, através de uma idéia de Bráulio Pedroso, a estrutura narrativa do gênero foi totalmente renovada com o lançamento do anti-herói, na telenovela *Beto Rockfeller* (TV Tupi).

A partir daí, as produções passaram, quase que em sua maioria, a retratar temas urbanos, suburbanos ou regionais nacionais.

25 Conquistando a preferência popular, a telenovela exigiu grande número de profissionais e altos investimentos financeiros.

Tal fato provocou o declínio da produção dos teleteatros (a importante atração da década de 50) e dos seriados românticos ou de aventuras.

Alcançando todo o país, a televisão incentivou a produção de programas de maior aceitação do público, como as telenovelas, os musicais e o humor.

O humorismo se beneficiou muito com a técnica do videoteipe. O recurso de edição (montagem) permitiu melhor elaboração e trucagem para os quadros em programas como *Chico Anísio Show*, *Times Square*, *Dercy Beaucoup*, *Noites Cariocas* e outros.

Também o esporte pôde ser mais veiculado, com a repetição de partidas de futebol gravadas em vídeo.

Muitas encenações ao vivo, contudo, como as realizadas no Teatro Record, em São Paulo, continuaram, apesar de também serem gravadas em vídeo. Família Trapo, um dos mais famosos humorísticos da TV, ou programas musicais, como *O Fino da Bossa*, eram gravados sem interrupções, com público presente e exibidos posteriormente.

Na área jornalística, diversos programas se mostraram atuantes e desencadeadores de polêmicas. Permaneceram, por quase toda a década, Repórter Esso, telejornal conciso e objetivo, Pinga Fogo, importante programa de entrevistas e debates políticos, e Jornal de Vanguarda, programa que modificou os noticiários da televisão, introduzindo mais imagens e entrevistas, além de comentaristas, que, informando com indisfarçável senso crítico, contribuíam para o melhor entendimento da notícia pelo público.

O jornalismo esportivo obteve maior repercussão através das partidas importantes comentadas e reexibidas em VT. As diferentes modalidades esportivas, principalmente as copas mundiais de futebol, puderam ser vistas e analisadas por milhões de torcedores.

Foi também na década de 60 que surgiu um fenômeno típico da televisão: o comunicador de massa. Utilizando programas de variedades, dentro do horário nobre, com a presença de auditório e estruturados sobretudo no carisma pessoal do apresentador, foram amplamente explorados, nessa fase, os comunicadores Chacrinha, Sílvio Santos, Hebe Camargo e Flávio Cavalcanti.

Ainda nos anos 60, a música popular brasileira teve grande impulso criativo e grande renovação artística patrocinados pela televisão. Foi a época dos grandes festivais de música popular, iniciados na TV Excelsior e consolidados nas TVs Record e Globo. Esses festivais propiciaram o surgimento de nomes como Elis Regina, Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Edu Lobo, Geraldo Vandré, Gilberto Gil, MíItton Nascimento e tantos outros talentos e deram origem a inúmeros programas musicais nas várias emissoras.

Paralelamente, na TV Record, desenvolveu-se também a música jovem, com o rock brasileiro, no programa Jovem Guarda, comandado pelo cantor Roberto Carlos. De enorme sucesso, o programa revelou inúmeros nomes desse gênero musical no Brasil.

A programação infantil permaneceu praticamente inalterada em relação à década anterior. Continuaram os mesmos tipos de programas. O maior incentivo ao desenvolvimento artístico infanto-juvenil verificou-se no programa Grande Ginkana Kibon, comandado por Vicente Leporace.

As telenovelas para crianças, tão bem adaptadas e conduzidas nos anos 50, tiveram grande declínio nos anos 60.



Programa Brasil 60. TV Excelsior-1960. Na foto Bibi Ferreira e Procópio Ferreira. AMM. CCSP.

27



Programa Chá das Bonecas Estrela. TV Tupi-1960. Arquivo Maria Valéria.

28



Programa Musical - TV Paulista-1960. Na foto, ao centro, Heloisa Castellar, Vicente Sesso e Aládia Centenaro. AMM. CCSP.



Programa A Praça da Alegria. TV Paulista- 1961. Na foto Manoel de Nóbrega e Ronald Golias. AMM. CCSP



Programa Teledrama -TV Paulista-1961. Na foto Rogério Márcico e Yara Lins. Arquivo Multimídios. CCSP.



Apresentadores Hebe Camargo e Abelardo Barbosa (Chacrinha) - 1961. Arquivo Particular.



Programa Clube do Lar - TV Paulista - 1962. Na foto Regina Macedo. Arquivo Multimeios. CCSP.

Programa Grande
Gincana Kibon
TV Record. 1962.
AMM. CCSP





Programa Musical - TV Cultura-1962. Na foto Dóris Monteiro e Lolita Rodrigues. Arquivo Multimeios. CCSP.

31



Programa Musical - TV Record - 1962. Na foto Eduardo Moreira, Mariza e Geraldo Vandré. Arquivo Multimeios. CCSP



32 Programa Noites Cariocas. TV Record. 1963. Na foto ao centro o compositor musical e humorista Chocolate. AMM. CCSP



Programa Times Square- TV Excelsior- 1964. Foto, entre outros, Daniel Filho, Zélia Hofman, Paulo Celestino. AMM. CCSP.



Primeiro Festival de M.P.B. TV Excelsior-1965. Na foto Claudete Soares, Elisete Cardoso, Elis Regina, Wilson Simonal, Hugo Santana e Kalil Filho. AMM.CCSP.



Redenção - telenovela - TV Excelsior-1965-67. AMM. CCSP.



O Direito de Nascer - telenovela - TV Tupi- 1965.

Na foto Guy Loup e Hamilton Fernandes. AMM. CCSP



A Cabana do Pai Tomás - telenovela - TV Globo-1965. Na foto,entre outros, Arlete Montenegro, Felipe Carone, Norah Fontes e Sérgio Cardoso (à cavalo).AMM.CCSP.

34



A Deusa Vencida - telenovela - TV Excelsior-1965. Na foto Tarcísio Meira e Regina Duarte.Arquivo Multimeios. CCSP.



35

Programa Jovem Guarda - TV Record- 1966. Na foto, ao centro, Erasmo Carlos, Roberto Carlos e Wanderléa. TV Record-Divulgação.



O Sheik de Agadir - telenovela - TV Globo- 1966. Na foto Yona Magalhães e Henrique Martins.Arquivo Multimeios. CCSP.



36 Os Miseráveis - telenovela-TV Bandeirantes-1967. Na foto Leonardo Vilar. AMM. CCSP

Programa do Chacrinha-Rede Globo- 1967. Na foto Abelardo Barbosa,o Chacrinha.Rede Globo-Divulgação.



Programa Família Trapo - TV Record. 1967. Na foto Ricardo Corte Real, Cidinha Campos, Renata Fronzi, Otelo Zeloni, Ronald Golias e Jô Soares (em pé). AMM. CCSP



O Tempo e o Vento-telenovela-TV Excelsior-1967.
Foto Geórgia Gomide como Ana Terra.AMM-CCSP.



Programa O Fino da Bossa- (Comemoração)-TV Record-1967. Na foto Wilson Simonal, Alaíde Costa, Cláudia, Jair Rodrigues, Elis Regina e Zimbo Trio.Arquivo Multimeios. CCSP



Sangue e Areia - telenovela
- TV Globo-1968. Na foto
Tarcísio Meira.Rede Globo-
Divulgação.



Programa Hebe - TV Record -
1968. Na foto Hebe Camargo.
AMM. CCSP



A Muralha-telenovela-TV
Excelsior-1968.Foto Fernanda
Montenegro,Stênio Garcia, Nicete
Bruno, Arlete Montenegro.AMM.
CCSP.



Beto Rockefeller-telenovela-
TV Tupi-1968.Foto Luiz
Gustavo,Plínio Marcos.AMM.
CCSP.



Antonio Maria - telenovela- TV Tupi - 1968. Na foto Manoel Inocêncio,Sérgio Cardoso, Néa Simões,Patricia Mayo e
Geraldo Vietri. Arquivo Multimeios. CCSP.



40

Titulares da Notícia, TV Bandeirantes- 1969. Salomão Esper, Julio Lerner, Vicente Leporace, Lourdes Rocha e, ao centro, Maurício Loureiro Gama. Rede Bandeirantes-Divulgação.



Nino, o Italianinho - telenovela - TV Tupi-1969. Na foto Juca de Oliveira e Uccio Gaeta.AMM.CCSP.

:: DÉCADA DE 70

A tecnologia encurtou distâncias e reduziu o mundo à pequena aldeia global preconizada por Marshall McLuhan. Na década de 70, o universo de público atingido pela televisão cresceu assustadoramente. No Brasil, as imagens de TV conseguiram penetrar nos mais distantes lugares, e suas mensagens e conseqüências começaram a ser objeto de estudo e controle devido à influência social que começou a exercer. Conscientizando-se da importância do veículo, intelectuais como Décio Pignatari, Helena Silveira e Gabriel Cohn passaram a discutir e sugerir melhores formas de atuação do veículo.

Nos anos 70, os empresários de TV preocuparam-se em organizar melhor infra-estrutura técnica em suas emissoras para melhor explorar financeiramente seus efeitos. Essa atitude acabou por estabelecer as diretrizes da trajetória televisiva da década.

A primeira grande conquista foi a transmissão em cores.

Após o sucesso da experiência da copa mundial de futebol realizada no México, em 1970, a idéia começou a se concretizar.

Inicialmente, as emissoras passaram a exibir seriados importados, pois dispunham de equipamentos coloridos apenas para a projeção de filmes.

Em 1972, a cor foi oficialmente inaugurada na TV, quando, com os equipamentos novos comprados, diversos programas passaram a ser gravados, editados e exibidos em cores.

Em 1973, produziu-se a primeira telenovela colorida, O Bem Amado, na Rede Globo. A Rede Tupi já vinha lançando a cor em suas telenovelas, mas só nos finais ou em momentos muito importantes do enredo. Assim, a cor chegou ao produto televisivo mais consumido pelo público brasileiro, exibido por meio das 57 emissoras existentes.

Apesar do grande número de canais de televisão, a programação não foi tão diversificada como poderia ser, pois sempre predominou, em todo o Brasil, a produção das grandes redes localizadas em São Paulo e no Rio de Janeiro.

A conquista da cor, aliada ao aprimoramento técnico dos equipamentos, permitiu mudanças principalmente na linguagem musical da televisão. Tanto nos estúdios como em cenários naturais, os musicais puderam

explorar ao máximo as possibilidades existentes. Os efeitos eletrônicos começaram a ser uma atração quase igual ao espetáculo ou artistas exibidos.

Em oposição a essa exuberância técnica, musicais intimistas, quase experimentais, foram produzidos por alguns profissionais, principalmente nas tevês educativas, buscando a valorização da música e do artista sem rivalizá-lo com a técnica.

No humorismo, não houve renovação de valores. Assim, os mesmos profissionais da década de 60 continuaram apresentando-se na década de 70, utilizando as mesmas técnicas de humor e beneficiando-se das novas técnicas eletrônicas. Com a censura política da ditadura militar, o humorista limitou-se a criar “pastelões” e a ironizar o teatro, o cinema e a própria televisão.

Os grandes artistas cômicos continuaram sendo Chico Anísio, Ronald Golias, Consuelo Leandro, Jô Soares e outros. Os Trapalhões, grupo existente desde os anos 60, consagraram-se na década de 70, obtendo maior sucesso tanto na televisão como no cinema.

No jornalismo, as inovações também se ligaram mais à utilização dos novos recursos disponíveis. Tornou-se possível, por meio dos satélites, transmitir com imediatismo e credibilidade de qualquer ponto do planeta. O telespectador passou a testemunhar o fato diretamente do local do acontecimento. Por essa facilidade técnica e pelo impacto da verdade exibida ao vivo, mais do que nunca a informação no país foi vigiada e controlada, filtrada pela censura, sendo mostrado ao público o que interessava ao regime militar vigente. Poucos profissionais conseguiram êxito na tentativa de informar e experimentar a mídia como fator de mobilização da opinião pública. Algumas, inclusive, acabaram tragicamente, como a do telejornal da TV Cultura de São Paulo, cujo redator-chefe, o jornalista Wladimir Herzog, foi morto pela polícia militar.

Apesar da alienação generalizada dos anos 70, havia preocupação cultural em determinados programas de TV. Especiais, como concertos musicais, reportagens folclóricas e ecológicas, expressaram-se numa linguagem moderna e objetiva. O teleteatro também esteve presente, numa tentativa de volta ao vídeo. Caso Especial, da Rede Globo, Estúdio A, da Rede Tupi e Teatro 2, da TV Cultura, são os exemplos mais significativos. Todos, entretanto, tiveram pouca permanência no vídeo.

Repetindo os anos 60, a telenovela continuou sendo o programa de maior sucesso. Sua produção técnica aprimorou-se ainda mais, e ela revelou-se o gênero de programa mais importante da televisão brasileira, não só pela imensa audiência que obteve, mas pela introdução de valores e mudanças comportamentais.

A identificação -- e aceitação -- com os temas apresentados a transformaram no mais concreto fenômeno cultural surgido através da televisão.

Apesar de a Rede Tupi produzir excelentes exemplos, alguns com ótima audiência, a principal realizadora tornou-se a Rede Globo. Pela alta qualidade de produção, suas novelas foram consumidas não só por todo o Brasil, mas também por mais 69 países.

O sucesso da "indústria telenovela" permitiu, no final da década, na Rede Globo, o aparecimento das séries brasileiras: dramatizações que, utilizando-se dos mesmos esquemas, mesmos técnicos e atores, expressavam-se, porém, com temas mais sérios. Assim, surgiram Malu Mulher, Carga Pesada, Plantão de Polícia, abordando diferentes assuntos com início e término no mesmo dia, que obtiveram grande êxito e prêmios no exterior.

Outra grande importância das séries foi ocupar horários antes destinados aos enlatados estrangeiros.

No esporte, os anos 70 foram ricos em todo tipo de transmissão: das olimpíadas aos clubes esportivos, das copas mundiais ao futebol de várzea. Num período de repressão política, o incentivo do esporte na TV, pelo governo militar, foi uma das fórmulas utilizadas para afastar o grande público dos problemas sociais e políticos do país. A televisão não regateou esforços para transformar qualquer transmissão em grande show, utilizando a mais cara e moderna tecnologia. Todo tipo de esporte passou a ser veiculado, com muitos interesses comerciais envolvidos. Tal fato, por outro lado, teve um saldo positivo: fez com que o brasileiro se interessasse e praticasse variadas modalidades esportivas.

Quanto à programação educativa, a força de penetração da televisão fez com que se desenvolvessem projetos educativos maiores, veiculados tanto nas emissoras estatais como nas comerciais por meio de convênios de produção, num esquema de educação permanente.

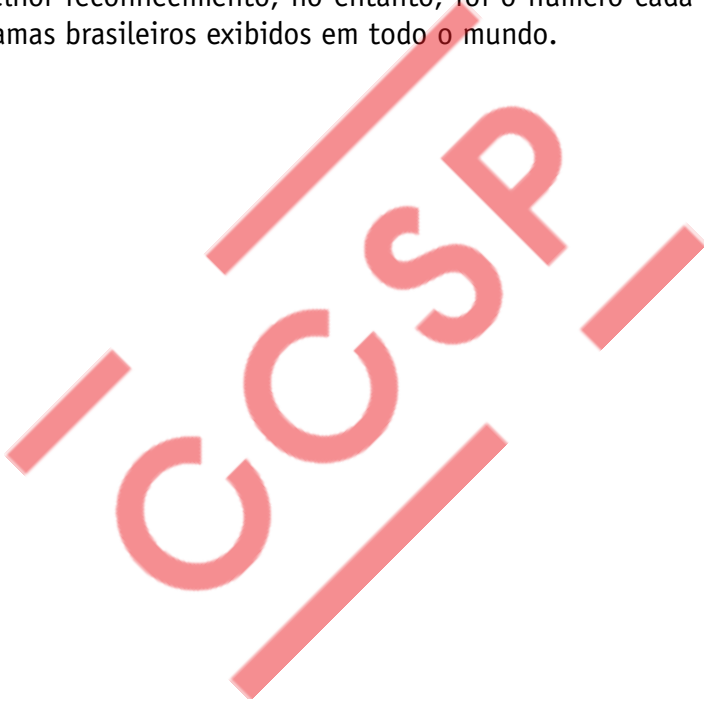
Curso de madureza, telecursos e outros programas educativos

conseguiram atingir seus objetivos.

Na programação infantil, as produções mais inovadoras e elogiadas foram Vila Sésamo (TV Cultura/Rede Globo) e Sítio do Pica-pau Amarelo (Rede Globo).

A década de 70 foi muito importante para o reconhecimento do alto nível de produção da televisão brasileira. Diversos prêmios internacionais foram obtidos nos mais diferentes gêneros de produção, destacando-se o dramático e o infantil.

O melhor reconhecimento, no entanto, foi o número cada vez maior de programas brasileiros exibidos em todo o mundo.





45

As Pupilas do sr. Reitor-telenovela- TV Record-1970. Na foto Márcia Maria, Dinísio Azevedo e Geórgia Gomide. TV Record-Divulgação.



Programa Flávio Cavalcanti - Rede Tupi-década de 70. Na foto, Flávio Cavalcanti. Rede Tupi-Divulgação.



A Fábrica-telenovela-TV Tupi-1970.Foto
Geórgia Gomide-AMM.CCSP.

46



Programa Jornal Nacional - Rede Globo -
1972. Na foto Cid Moreira. Rede Globo-
Divulgação.



47 Vila Sésamo - TV Cultura - TVGlobo. 1972. De costas, Armando Bogus. No balcão, João Monteiro, Flávio Galvão, Sonia Braga e Araci Balabanian. TV Cultura-Divulgação.



Mulheres de Areia - telenovela - Rede Tupi-1973. Na foto Eva Wilma(em primeiro plano) e Carlos Zara.Rede Tupi- Divulgação.



48 O Bem Amado- telenovela -Rede Globo-1973. Na foto Paulo Gracindo, ao centro, e Emiliano Queiroz, em pé. Rede Globo-Divulgação.



A Ceia dos Cardeais - Teleteatro-TV Cultura-1973. Na foto Sérgio Viotti e Raul Cortez . TV Cultura-Divulgação.

49



O Rebu - telenovela-Rede Globo-1974. Na foto, entre outros, Ziembinsky, Maria Claudia, o cantor Tom Zé e Buza Ferraz.Rede Globo-Divulgação.



Programa A Grande Família- Rede Globo-1974.Com Osmar Prado,Cristina Nunes,Jorge Dória,Heloisa Mafalda,Luiz A.Queiroz,Brandão Filho,Paulo Araujo.Rede Globo-Divulgação.



50

Programa Clube dos Artistas - TV Tupi-1974. Na foto Airton Rodrigues, Cardeal D.Paulo Evaristo Arns e Lolita Rodrigues. Arquivo Multimeios. CCSP.



Programa do Chacrinha - Rede Globo - 1974. Na foto Chacrinha, Araci de Almeida e chacetes. Rede Globo-Divulgação.



Programa Melhores do Esporte - TV Cultura-1974. Na foto, ao centro, Carlos Alberto e Pelé. No microfone, à esquerda, Orlando Duarte. TV Cultura-Divulgação.

51



Programa Musical-Rede Globo - 1974. Na foto Sandra Bréa e Mieli. Rede Globo-Divulgação.



52 Programa Satiricom - Rede Globo - 1974. Na foto Agildo Ribeiro(em pé). Rede Globo-Divulgação



Supermanoela - telenovela - Rede Globo-1974. Na foto Paulo José e Marília Pera.Redes Globo-Divulgação.



Programa Cabaré Literário - TV Cultura - 1975. Na foto Martinho da Vila. TV Cultura-Divulgação.



Pecado Capital-telenovela-Rede Globo-1975. Na foto Betty Faria e Francisco Cuoco. Rede Globo-Divulgação.



Gabriela-telenovela-Rede Globo-1975-Foto Sonia Braga e Armando Bogus.Rede Globo-Divulgação.



Espelho mágico - telenovela-Rede Globo-1975.Na foto Glória Menezes e Toni Ramos.Rede Globo-Divulgação.



A Viagem-telenovela-Rede Tupi-1976. Foto,entre outros,Tony Ramos,Eva Wilma,Irene Ravache. AMM.CCSP.

55



Programa Silvio Santos - 1977. Estúdios Silvio Santos-Divulgação.



56 O Espantalho-telenovela -TV Record-Estúdios SS-1977.Foto Léa Camargo,Fábio Cardoso,Ester Góes,Newton Prado,Nathalia Timberg,Carmem Monegal,João Signorelli.AMM.CCSP.



O Profeta-telenovela-
Rede Tupi-1977-
Foto-Elaine Cristina
e Carlos Augusto
Strazzer.
AMM.CCSP.

O Astro-
telenovela-Rede
Globo-1978.Foto
Francisco Cuoco-
Rede Globo-
Divulgação.



Dancin'days - telenovela -
Rede Globo-1978. Na foto
Sonia Braga.Rede Globo-
Divulgação.



Aritana - telenovela - Rede Tupi-1978. Na foto o verdadeiro índio Aritana e o ator Carlos Alberto Ricelli.
Arquivo Multimeios. CCSP.

58



*Programa Carga Pesada
Rede Globo - 1979.
Na foto Antonio
Fagundes e Stênio
Garcia.
Rede Globo-Divulgação.*



Programa Malu Mulher - Rede Globo- 1979. Na foto Regina Duarte e Sonia Guedes. Rede Globo-Divulgação.

59



Programa Vox Populi. TV Cultura - 1979. Na foto Elis Regina. TV Cultura-Divulgação.

:: DÉCADA DE 80

Em função das transformações sócio-políticas ocorridas no país, como o início da abertura política, o abrandamento da censura militar e a própria queda do regime em 1985, a televisão reavaliou sua programação, adaptando-a às novas expectativas. Assim, os programas femininos não mais se limitaram a problemas domésticos e passaram a discutir o posicionamento da mulher na sociedade e seus direitos. O mais significativo deles foi TV Mulher, da Rede Globo.

Os programas educativos passaram a se preocupar com as necessidades específicas das regiões a que se dirigiam, deixando de impor grandes projetos de manipulação cultural. As programações da TV Cultura de São Paulo e da TV E do Rio de Janeiro continuaram se destacando pela criatividade. E, além de manter o caráter didático, salientaram mais o entretenimento cultural.

Os programas de humorismo tentaram desenvolver suas potencialidades através de posturas mais polêmicas e mais próximas da realidade política e econômica brasileira. Após anos de silêncio, o humor voltou com força total a criticar e ironizar os governantes do país.

A inovação foi o programa TV Pirata, na Rede Globo, que, com uma linguagem diferente, apresentou textos satíricos em comédias de situações, desde familiares até políticas.

Foi o jornalismo, porém, o gênero mais incentivado na programação. Após o término da censura ostensiva, os telejornais deixaram de ser apenas informativos, tornando-se também noticiários opinativos e interpretativos. Diversos programas de entrevistas e debates surgiram.

A Rede Bandeirantes lançou, em 1980, o programa que se tornaria dos mais importantes no gênero: Canal Livre, que enfocava temas sociais variados, sempre com uma equipe especializada entrevistando, de maneira franca e objetiva, o convidado principal.

Todas as emissoras iniciaram programas de entrevistas, de análises sócio-econômicas e de esclarecimentos político-administrativos variados.

Algumas cederam horários a produtoras independentes de vídeo, que começaram fazendo documentários e reportagens especiais. Mais tarde, essas produtoras realizaram, também, shows e minisséries.

A produtora independente foi uma das características da década. Outra, foi a cessão de horários nas emissoras.

Grupos empresariais, como o da Gazeta Mercantil ou da Abril Cultural alugaram horários fixos na Rede Bandeirantes e na TV Gazeta e veicularam suas produções.

O número de produtoras independentes de vídeo diminuiu em meados da década, mas importantes programas jornalísticos foram realizados pelas que permaneceram.

Em termos de conteúdo, ao lado da liberdade de expressão política, a queda da censura permitiu o abandono dos preceitos éticos que regiam o veículo até então. O linguajar passou a ser o comum da população, com o emprego de palavras anteriormente consideradas de baixo nível. As emissoras tiveram total liberdade para exibir o que desejassem, desde muita violência até uma sensualidade exagerada. O erotismo dominou os programas de dramaturgia, de auditório, de humor e, principalmente, a publicidade. Pela primeira vez, a televisão mostrou mulheres e homens nus tanto nos comerciais quanto nas novelas e nos auditórios. Como o término de toda grande repressão provoca o exagero oposto, a liberdade desenfreada de expressão só encontrou o equilíbrio pelo final da década. Deixou o saldo positivo de o veículo poder se expressar com extrema naturalidade, aproximando-se mais do público.

A década de 80 trouxe alterações no número de rede de emissoras. A Rede Tupi, a mais antiga, após diversos problemas causados por má administração, faliu e teve perdida sua concessão, saindo do ar no dia 14 de julho de 1980. Sua imensa cadeia espalhada pelo país foi dividida entre duas novas redes: uma, para o grupo empresarial Sílvio Santos, que criou o Sistema Brasileiro de Televisão; a outra, para o grupo empresarial Bloch, que fundou a Rede Manchete de Televisão.

O Sistema Brasileiro de Televisão--SBT inaugurou uma programação destinada às classes populares, com shows variados, filmes e telenovelas importadas do México (o que causou grande protesto dos artistas e técnicos brasileiros). Aos poucos, especializou-se, com sucesso, em programas de auditório com comunicadores famosos, mas veiculou também minisséries e telefilmes importados, algumas novelas brasileiras, muitas novelas mexicanas e humor, contratando, inclusive, grandes humoristas das emissoras rivais.

A Rede Manchete se propôs a uma programação mais intelectualizada, com musicais, programas jornalísticos, shows e filmes. Seus programas de entrevistas, principalmente Conexão Internacional, obtiveram grande sucesso. Como a rede não alcançou os índices de audiência esperados, lançou-se, pelos meados da década, à produção de telenovelas, utilizando atores famosos da Rede Globo.

Apesar da grande tendência jornalística, com o lançamento de programas sobre constituinte, eleições, movimentos políticos e debates econômicos, todos refletindo o momento de maior participação popular nos destinos brasileiros, a telenovela não perdeu sua força junto ao público.

Diversas foram exibidas, mas nenhuma, na década, conseguiu mobilizar a atenção geral do país como Roque Santeiro, na Rede Globo, de autoria de Dias Gomes. A novela fez uma crítica satírica da condição política e econômica brasileira e atingiu índices de audiência espantosos.

Outra tendência que se manteve e até cresceu nos anos 80 foi a programação de auditório sob comando dos comunicadores. Chacrinha (falecido em 1988) e Sílvio Santos mantiveram seus programas. Hebe Camargo e Flávio Cavalcanti (falecido em 1986) retornaram ao vídeo apresentando-se no mesmo estilo do passado. Outros comunicadores surgiram, como Raul Gil, Augusto Liberato, Fausto Silva, Edson Curi (que já se apresentava nos anos 70), lançados com força maior pelas emissoras para se firmarem no gênero.

A televisão brasileira continuou se expandindo pelo mundo, principalmente por meio da Rede Globo, exportando musicais, programas especiais e telenovelas.

A Globo chegou, inclusive, a comprar um canal de televisão em Mônaco para veicular o melhor de sua programação, evidenciando a ótima aceitação, no exterior, da produção nacional. As emissoras italianas, contudo, fizeram um verdadeiro bloqueio contra a Globo européia (TV Monte Carlo), o que a levou a tentar associar-se a grupos empresariais italianos. A idéia nunca se concretizou a contento, e, após perder muito dinheiro, a Globo, anos depois, desistiu de uma filial européia.

A Rede Manchete e o Sistema Brasileiro de Televisão também tentaram colocar sua programação no mercado internacional pela venda de programas ou pelo sistema de intercâmbios. O êxito foi pequeno.

A mais antiga emissora de televisão em atividade, a Rede Record, de São Paulo, após o término da associação com o grupo de Sílvio Santos, foi vendida, em meados da década, para uma empresa religiosa denominada Igreja Universal do Reino de Deus. A nova proprietária injetou dinheiro na emissora, criando programas novos, na tentativa de fazê-la voltar a ser uma emissora de sucesso a partir de uma estrutura empresarial sólida e tecnologia moderna.

Pelo final da década, surgiram as primeiras TVs a cabo, com sinal pago, emitidos em UHF.

ICOSP



Programa Canal Livre -
Rede Bandeirantes- 1980.
Na foto Chico Buarque de
Holanda. Rede Bandeirantes-
Divulgação

64



Programa TV Mulher - Rede Globo-1981. Na foto Marília Gabriela. Rede Globo-Divulgação.



Ninho de Cobras- telenovela- Rede Bandeirantes-1982. Na foto Cleide Yáconis. Rede Bandeirantes-Divulgação.

65



Programa Hebe-Rede Bandeirantes-1982. Na foto Agnaldo Timoteo e Hebe Camargo. Rede Bandeirantes-Divulgação.



Programa Bar Academia - Rede Manchete - 1984. Na foto Caetano Veloso. Rede Manchete-Divulgação



66 Programa Debate em Manchete. Rede Manchete- 1983. Na foto, ao centro, o político Tancredo Neves. Rede Manchete-Divulgação.



Programa Catavento-TV Cultura - 1983. TV Cultura-Divulgação.



67 Guerra do Sexos - telenovela- Rede Globo-1983. Na foto Mário Gomes e Paulo Autran.Rede Globo-Divulgação.



Vereda Tropical -
telenovela -
Rede Globo-1984.
Na foto, Paulo Beti,
Geórgia Gomide e
Mário Gomes.



Roque Santeiro - telenovela - Rede Globo-1985. Na foto Regina Duarte e Lima Duarte. Rede Globo-Divulgação.

68



Programa Viva o Gordo. Rede Globo - 1985. Na foto, ao centro, Jô Soares. Rede Globo-Divulgação.



Programa Roletrando - SBT-1985. Na foto Silvio Santos e participantes.SBT-Divulgação.

69



Guerra dos Farrapos-minissérie - Rede Bandeirantes-1985. Na foto Herson Capri e Aldine Muller.Rede Bandeirantes-Divulgação.



Dona Beija - telenovela - Rede Manchete - 1986. Na foto Maitê Proença. Rede Manchete-Divulgação.



Programa Conexão Internacional. Rede Manchete - 1985. Na foto Roberto D'Ávila e Margot Fonteyn. Rede Manchete-Divulgação.

70



Programa Festa Baile - TV Cultura - 1986. Na foto Davi Cardoso, Aginaldo Rayol e Branca Ribeiro. TV Cultura-Divulgação



Programa Record em Notícias - Rede Record -1986. Na foto Hélio Ansaldo. Rede Record-Divulgação.



Programa Zácáro - Rede Bandeirantes-1986. Na foto o Maestro Zácáro e Jair Rodrigues. Rede Bandeirantes-Divulgação.



Programa Perdidos na Noite - Rede Bandeirantes - 1987. Na foto Fausto Silva. Rede Bandeirantes-Divulgação.



Roda de Fogo - telenovela - Rede Globo-1986. Na foto Renata Sorrah e Tarcísio Meira. Rede Globo-Divulgação.

72



Brega e Chic - telenovela- Rede Globo - 1987. Na foto Glória Menezes e Marília Pera. Rede Globo-Divulgação.



Programa Chico Anysio show - Rede Globo-1987. Na foto Chico Anysio e Stela Freitas. Rede Globo-Divulgação.

73



Programa Bronco. Rede Bandeirantes - 1987. Na foto Nair Belo, Renata Fronzi e Ronald Golias (Bronco). Rede Bandeirantes-Divulgação.



Programa Armação Ilimitada - Rede Globo -1987. Na foto André de Biasi e Kadu Moliterno. Rede Globo-Divulgação.

74



Programa A Praça é Nossa - SBT-1988. Na foto Carlos Alberto de Nóbrega. SBT-Divulgação.

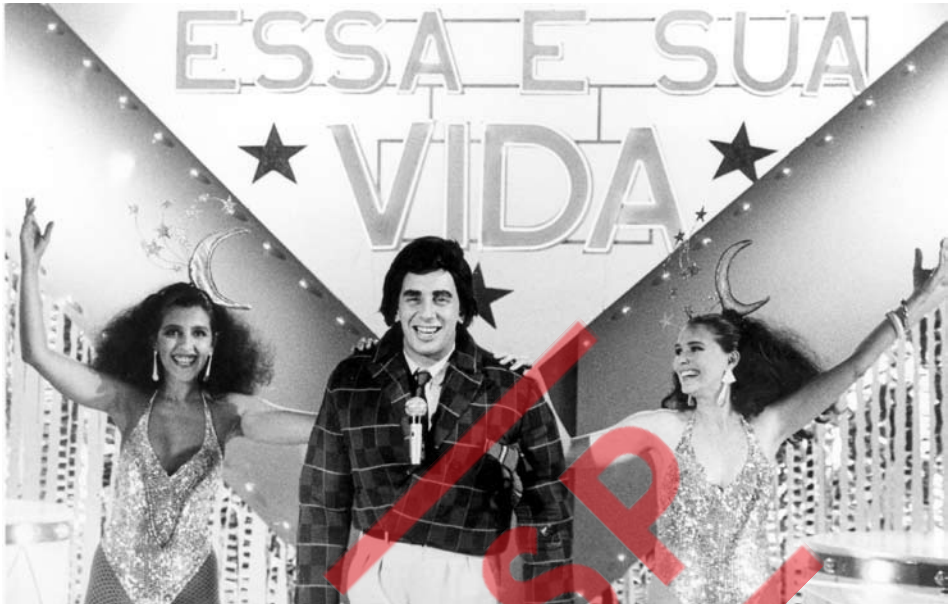


Programa Bozo- SBT-1988. Na foto Mara e Bozo. SBT-Divulgação.

75



Programa Roda Viva - TV Cultura-1988. Na foto Luiz Inácio Lula da Silva.TV Cultura-Divulgação.



Programa TV Pirata - Rede Globo-1988. Na foto Regina Casé, Marco Nanini e Louise Cardoso. Rede Globo-Divulgação.

76

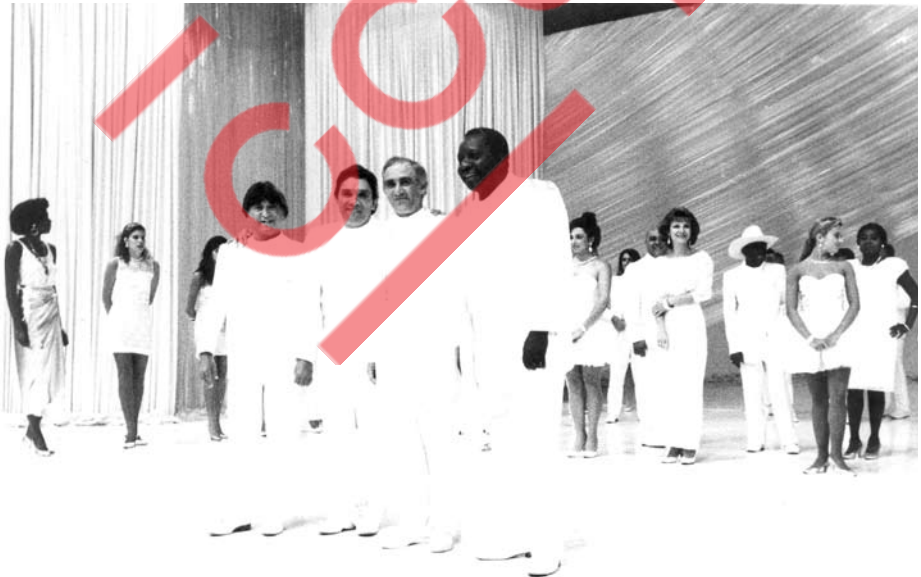


Vale Tudo-telenovela-Rede Globo-1988. Foto Regina Duarte.Redes Globo-Divulgação.



Que Rei sou Eu - telenovela - Rede Globo-1989. Na foto Araci Balabanian e Edson Celulari. Rede Globo-Divulgação.

77



Programa Os Trapalhões - Rede Globo-1989. Na foto Zacarias, Dedé Santana, Renato Aragão (Didi) e Mussum. Rede Globo-Divulgação.



Programa Jô Soares, Onze e Meia - SBT-1989. Na foto Renata Sorrah e Jô Soares. SBT-Divulgação.

78



Programa Ferreira Neto - Rede Record-1989. Na foto, ao centro, Ferreira Neto, e políticos convidados. Rede Record-Divulgação.



Programa Domingão do Faustão - Rede Globo-1989. Na foto Fausto Silva e participantes. Rede Globo-Divulgação.

79



Programa Cara a Cara - Rede Bandeirantes -1989. Na foto Yasser Arafat e Marília Gabriela. Rede Bandeirantes-Divulgação.

:: DÉCADA DE 90

Para a televisão, os anos 90 trouxeram novidades em expansão, técnica e conteúdo. Novas redes foram criadas, outras desapareceram (como a Rede Manchete, que faliu e deu lugar à Rede TV!), o sistema de TV a cabo se expandiu, e diversas emissoras independentes em VHF e UHF foram criadas por todo o país, especialmente pelo interior.

Se, nos anos 80, com a liberação da censura, a permissividade dos costumes preponderou no vídeo, nos anos 90, a programação televisiva, seguindo uma tendência internacional, prestigiou a violência em todas as suas formas, tornando-a um espetáculo de grande audiência.

O telejornalismo foi o gênero que teve maior responsabilidade nesse tipo de divulgação. Em 1991, mostrando o que seria a tendência da década, as redes Bandeirantes, Globo e Manchete, pela primeira vez na história da televisão, fizeram transmissões ininterruptas (captadas da emissora norte-americana CNN), de uma guerra, a do Golfo Pérsico, exibida no momento em que ocorria, com as imagens das explosões interrompidas apenas para os intervalos comerciais.

Atrações jornalísticas especiais foram criadas nas emissoras para emitir notícias de conteúdos dramáticos, mostradas de maneira cruel. Um dos exemplos mais característicos foi a criação do noticiário Aqui Agora, do SBT, que, obtendo bons índices de audiência, fez com que as outras redes exibissem reportagens de mesma qualidade em seus noticiários. Pelo final da década, essas atrações foram perdendo força, mas deixaram sedimentada a idéia, que vingou em programas que passaram a exibir grandes catástrofes, brigas entre pessoas, doenças incuráveis, escatologias, infidelidades amorosas, etc.

A informação, contudo, manteve seu caráter primordial: utilidade social, esclarecimento, prestação de serviços e entretenimento. Com técnica cada vez mais aprimorada, a atuação do telejornalismo foi intensa em fatos de grande interesse coletivo nacional ou internacional. Em momentos especiais da vida pública brasileira, manteve sua participação decisiva, como, por exemplo, na campanha de moralização política do país, em 1992, que culminou na renúncia do então presidente Fernando Collor.

Também os programas de entrevistas e debates continuaram, com muito êxito de credibilidade pelos esclarecimentos prestados, destacando-se, entre outros, Roda Viva, da Rede Cultura, e Cara a Cara, da Rede Bandeirantes.

Na dramaturgia, com poucas exceções, as telenovelas, os filmes e os seriados influenciaram pela violência, divulgando-a e banalizando-a como acontecimento normal.

A telenovela prosseguiu como a principal atração televisiva, exibindo todo tipo de enredo, salientando cenas agressivas desnecessárias e excessos de erotismo. Continuou apresentando, em sua maioria, textos de baixa qualidade literária, com situações inverossímeis, menosprezando a inteligência do telespectador. Mesmo assim, nunca deixou de ter grande audiência. Na tentativa de debater problemas que fazem parte da sociedade brasileira, algumas tramas tentaram denunciar corrupções ou discutir fatos como drogas, pedofilia, prostituição e outros. Quase todas apresentaram excelente nível de produção e de interpretação, mostrando o aprimoramento artístico do gênero, salientando-se, entre muitas, A Próxima Vítima, Renascer e Rei do Gado, na Rede Globo, Éramos Seis e As Pupilas do sr. Reitor, no SBT, Pantanal, Tocaia Grande e Xica da Silva, na Rede Manchete.

Pantanal, de autoria de Benedito Rui Barbosa, inovou o gênero, colocando a natureza exuberante de Mato Grosso como elemento de grande importância dramática dentro do tema. Além disso, introduziu jovens atores e atrizes, renovando os rostos da TV. Com a novela, pela primeira vez, a Rede Manchete obteve ótimos índices de audiência.

A maior novidade introduzida na dramaturgia, no entanto, foi a interação emissora- telespectador, com a criação do programa Você Decide (Rede Globo), um teleteatro que solicitava a participação do público, com sua opinião (através de telefones ou reportagens externas, ao vivo, dos mais diferentes lugares), para definir o final do tema apresentado. Você Decide fez com que, pela primeira vez, a televisão brasileira vendesse uma idéia de programa para emissoras de TV de outros países.

O programa Fantástico (Rede Globo) também introduziu a interação ao vivo com o espectador sobre diferentes assuntos apresentados. A partir daí, outras emissoras copiaram o esquema nos seus programas.

Outra inovação foi Malhação (Rede Globo), série criada como

laboratório prático para atores iniciantes. Os que mais se destacaram foram aproveitados nas telenovelas da emissora.

A dramaturgia exibiu, ainda, microsséries, histórias exibidas em poucos capítulos, como, por exemplo, *Veja esta Canção* (Rede Cultura) ou *O Auto da Compadecida* (Rede Globo), que, gravadas em filme cinematográfico, iniciaram uma parceria audiovisual, podendo ser exibidas também no cinema. O fato fez com que algumas empresas de televisão se constituíssem, também, em empresas cinematográficas para a realização de filmes.

No seriado, destacou-se a produção *Confissões de Adolescente*, na Rede Cultura, e a série *Comédia da Vida Privada*, na Rede Globo.

A hegemonia da produção dramática continuou a ser da Rede Globo, embora quase todas as outras emissoras -- *Bandeirantes*, *Cultura*, *Manchete*, *Record* e *SBT* -- tivessem se lançado ao gênero, às vezes, com bom êxito de audiência.

Os programas de auditório mantiveram o estilo clássico de apresentação de comunicadores-mestres, como *Hebe Camargo* e *Sílvio Santos*.

Confirmou-se o sucesso de *Augusto Liberato (Gugu)*, no *SBT*, e de *Fausto Silva (Faustão)*, na *Rede Globo*, cujas atrações exibiram, muitas vezes, um sensacionalismo exacerbado na desenfreada disputa por maior audiência.

Na *Rede Cultura*, no início da década, surgiu o comunicador *Serginho Groissman*, com o programa *Matéria Prima*. Dirigido a adolescentes e universitários, exibia músicas e entrevistas. O apresentador introduziu um estilo de comunicação ágil com o auditório, que o consagrou e o levou, mais tarde, a trabalhar no *SBT* e depois na *Rede Globo*.

Numa década de violência explícita, surgiu *Carlos Massa*, o *Ratinho*, comunicador de auditório agressivo, irreverente, intencionalmente mal-educado, apresentando fatos escabrosos como principal atração, fazendo do seu programa o palco da miséria humana. Anos depois, no entanto, com sucesso garantido e salário milionário, *Ratinho* tornou-se mais ameno, diminuindo a agressão e divulgando bastante a música brasileira. Iniciou na rede *CNT*, trabalhou na *Record* e foi contratado pelo *SBT*.

Por outro lado, pelo final dos anos 90, surgiu o padre *Marcelo Rossi*, um jovem comunicador que, apresentando uma nova maneira de o público participar das práticas religiosas, com alegria, canções e brincadeiras,

levou milhares de fiéis à sua igreja e à televisão, tanto na recém-criada Rede Vida, a rede de televisão católica, quanto em outras emissoras.

A música foi muito prestigiada nos programas de auditório. Grandes cartazes se exibiram, principalmente os ligados à moderna música sertaneja, que dominou as atrações do veículo, mas outros gêneros também foram bastante divulgados.

Em razão do alto custo de suas produções, poucos programas exclusivamente musicais foram criados nas emissoras. Destacou-se na Rede Cultura o Ensaio, continuando a trajetória de sucesso iniciada em 1969. Alguns Especiais, com músicos famosos, foram criados nas redes Bandeirantes, Globo e Record. Pelo final da década, o Programa Raul Gil (Rede Record) apresentou calouros de alto nível musical, propiciando novos artistas ao panorama brasileiro.

No humor, os programas já conhecidos, como A Praça É Nossa (SBT), Escolinha do Professor Raimundo, Chico Total (Rede Globo) e outros, continuaram, mas, por exibir a mesma fórmula de apresentação, bastante desgastada, começaram a perder audiência.

Com o falecimento de Zacharias e mais tarde de Mussum, o programa Os Trapalhões continuou com Renato Aragão e Dedé Santana. Por desentendimentos, Dedé se desligou da dupla no final da década.

A novidade no gênero foi a criação do programa Casseta e Planeta Urgente (Rede Globo), que, na linha do antigo TV Pirata, introduziu um humor negro, irônico, com linguajar mais livre e debochado, criticando a política, a sociedade e a própria televisão.

Outra criação da década foi o programa Sai de Baixo (Rede Globo), comédia de situações familiares nos moldes tradicionais do humor, um pouco calcada no teatro de revista, exibida num teatro, com a presença de platéia.

Contraditoriamente à violência, verificou-se um aumento considerável de emissão de programas religiosos. A exemplo da Igreja Universal do Reino de Deus, que havia comprado a Rede Record na década anterior, a Igreja Católica inaugurou a já citada Rede Vida, alcançando todo o país. Outras igrejas alugaram espaços, até no horário nobre, em algumas emissoras para veicular suas mensagens, iniciando uma grande competição por meio da catequese eletrônica.

As igrejas evangélicas, com a conquista de milhares de fiéis, elegeram

parlamentares que obtiveram concessão de emissoras independentes de rádio e televisão. Espalhadas pelo Brasil, essas emissoras tornaram-se grande força de mobilização religiosa e política.

O esporte permaneceu um gênero bem aproveitado pelas emissoras nos anos 90. Todos os acontecimentos internacionais e nacionais importantes foram amplamente transmitidos, envolvendo muito patrocínio e publicidade e evidenciando uma técnica exemplar. Numa mudança de programação, a Rede Bandeirantes, dedicando a maior parte de seu horário às transmissões esportivas, conseguiu boa audiência, atingindo, algumas vezes, o primeiro lugar na preferência do público. O fato fez com que as outras emissoras passassem a veicular esportes no horário nobre. No desejo de dominar a audiência, a Rede Globo, além de deter os direitos de transmissão da Fórmula Um, monopolizou todos os direitos de transmissão ao vivo de copas nacionais ou internacionais de futebol e outros esportes, provocando forte protesto das demais emissoras.

A programação infantil obteve sucesso e até prêmios internacionais por meio das boas atrações da TV Cultura, tais como Rá-tim-bum, O Mundo da Lua, X-Tudo, Cocoricó e outras. Transformando-se em rede, a Cultura pôde apresentar suas atrações nas TVs educativas de outros estados, tornando-se uma opção nacional de programação cultural de qualidade.

Nas demais emissoras, continuaram Xuxa, Eliana e Angélica como comunicadoras infantis, no esquema tradicional de atrações: desenhos, brincadeiras, jogos, historinhas e muita música.

Veiculada na TV desde a inauguração do veículo, uma programação que cresceu, nessa década, foi a culinária, dentro ou fora dos programas femininos. Surgiram atrações especiais comandadas também por homens, e emissoras que nunca tinham se preocupado com o gênero se viram obrigadas a produzi-lo, seguindo o modismo reinante, como, por exemplo, a Rede Globo, que lançou o programa Mais Você com Ana Maria Braga.

O aumento da comercialização generalizada foi outra característica da década. Empresas alugaram espaços para a emissão de programas de venda direta, e surgiram canais a cabo específicos para a comercialização de produtos.

Além do intervalo comercial, a publicidade invadiu todas as atrações, com os próprios artistas ou apresentadores fazendo propaganda de diferentes produtos. Também vinhetas eletrônicas foram criadas, exibindo,

na parte inferior do vídeo, ofertas de produtos durante uma entrevista, uma canção ou qualquer outra apresentação.

Ao lado do retorno publicitário, as emissoras criaram um modo de ganhar mais dinheiro, sorteando prêmios valiosos oferecidos por diversas empresas. Através do telefone 0900, o público, induzido pelos apresentadores, ligava para concorrer. Milhares de pessoas participavam e poucas ganhavam. O valor do telefonema, mais alto que o normal, era debitado na conta do telespectador. Tanto as emissoras quanto as empresas de telefonia ganharam enormes quantias de dinheiro. Para o veículo, havia sido encontrada uma fórmula fácil de compensar programas de pequena audiência que não se pagavam com a publicidade normal.

Ante exploração comercial tão desenfreada, o protesto de diferentes entidades fez com que a Justiça Federal, pelo final da década, proibisse tal prática em todo o território brasileiro.

Em meio às diferentes transformações sócio-políticas do país, a televisão foi sempre reavaliando sua programação e adaptando-a às novas expectativas. No final dos anos 90, verificou-se uma invasão de liberdade criativa dirigida, preferencialmente, a segmentos jovens da audiência. Apoiadas tecnicamente na feliz união televisão-computação-Internet, emissoras de sinal aberto, como a Rede Cultura, ou transmitidas a cabo, como MTV, Canal 21, GNT, Multishow e outras, trouxeram linguagens experimentais, algumas muito inovadoras, oferecendo outras opções de uso do veículo.

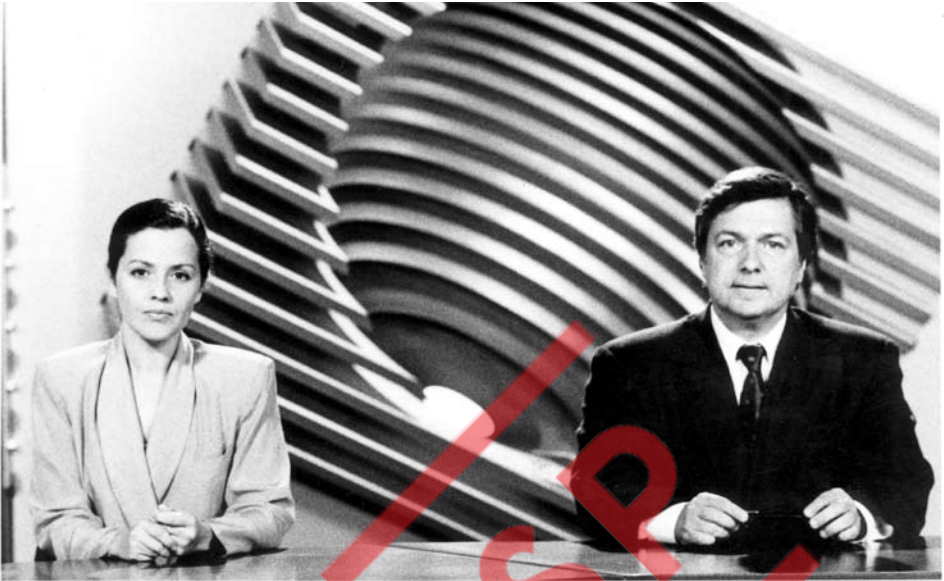


Pantanal-telenovela-Rede Manchete-1990.Foto Marcos Winter,Cristiane Oliveira,Elaine Cristina.Rede Manchete-Divulgação.

86



Programa Flash.Rede Bandeirantes-1990.Foto Marília Gabriela e Amauri Jr.Rede Bandeirantes-Divulgação.



Programa Jornal da Cultura-Rede Cultura-1990.Foto Valéria Grillo, Rodolfo Konder.Rede Cultura-Divulgação.

87



Programa Jornal Mulher-Rede Manchete-1990.Foto Ester Goes, Rose Nogueira.Rede Manchete-Divulgação.



88



Rainha da Sucata-telenovela-Rede Globo-1990.Foto Fernanda Montenegro,Lima Duarte,Nicete Bruno.Rede Globo.Divulgação.

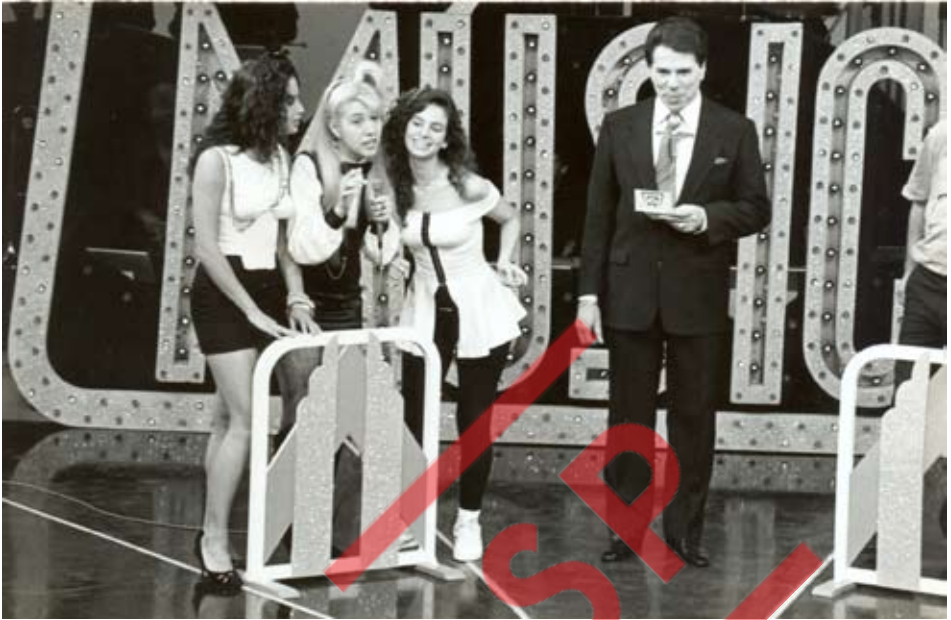


Programa Vitrine-Rede Cultura-
1991-Foto Leonor Correa.Rede
Cultura-Divulgação.

89



Programa Telejornal Brasil -SBT-1991.Foto Pelé e Boris Casoy.SBT-Divulgação.



Programa Qual é a Música. SBT-1991. Foto Isadora Ribeiro, Mariane, Patrícia Luchesi, Sílvio Santos. SBT-Divulgação.



Programa Mundo da Lua-Rede Cultura-1991. Foto Rede Cultura-Divulgação.



Programa Clube do Bolinha-Rede Bandeirantes-1991.Foto Edson Curi e convidados. Rede Bandeirantes-Divulgação

91



Programa Roda Viva - Rede Cultura. 1992.Na foto o sociólogo Edgar Morin.Centro de documentação.RTC



Programa Xou da Xuxa-Rede Globo-1993.Foto Xuxa Meneghel e Wanderléa.Redes Globo-Divulgação.

92



Programa Você Decide-Rede Globo-1993. Foto Tony Ramos.Redes Globo-Divulgação.



Programa Os Trapalhões-Rede Globo-1993. Foto Renato Aragão, Chico Anísio e Dedé Santana.Redes Globo Divulgação.

93



Programa Livre-SBT-1993. Foto Sergio Grossman.SBT-Divulgação



Programa Cassetta e Planeta- Rede Globo-1993.Foto Marcelo Madureira,Hubert e Reynaldo. Rede Globo-Divulgação.

94



Éramos Seis-telenovela-SBT-1994.Foto Irene Ravache,Denise Fraga.SBT-Divulgação.



Programa Aqui, Agora-SBT-1994.Foto Ivo Morganti,Cristina Rocha.SBT-Divulgação.

95



Programa Bom Dia-SBT-1994.Foto Eliana.SBT-Divulgação.



96 Programa Castelo Rá Tim Bum - Rede Cultura-1994. Foto de Marisa Cauduro. Centro de documentação.RTC



Programa do Gugu-SBT-1994. Foto SBT-Divulgação.



97

Programa Hebe-SBT-1994.Foto Hebe Camargo.SBT-Divulgação.



A Próxima Vítima-telenovela-Rede Globo-1995.Foto Tony Ramos e Suzana Vieira. Rede Globo-Divulgação.



Programa Nossa Língua Portuguesa-Rede Cultura, 1995. Na foto Professor Pasquale e Mário Lago. Centro de documentação.RTC.

98



O Rei do Gado-telenovela- Rede Globo-1996-
Foto-Rede Globo-Divulgação.



Programa Sai de Baixo -Rede
Globo-1999. Na foto Miguel
Falabella e Mariza Orth. Foto Zé
Paulo Cardeal.Redes Globo.



99 Programa Cartão Verde-Rede Cultura-1996.Foto Juca Kfour,Flávio Prado,José Trajano.Rede Cultura-Divulgação.



Programa X Tudo - Rede Cultura-1997. Foto de Jair Bertolucci.Centro de Documentação.Redes Cultura.

:: DÉCADA DE 2000

O conteúdo da televisão, na nova década, vem continuando com os excessos de violência e de comercialização, demonstrados na década anterior.

Como sempre acontece, os programas cujas audiências não foram satisfatórias acabaram e outros se iniciaram. Dos novos lançados, os que mais chamaram atenção foram os reality shows e o *Show do Milhão*.

O reality show, tipo de programa no qual o telespectador adquire a condição de voyeur, ou seja, aquele que fica espiando aspectos íntimos da vida dos outros, alcançou grande sucesso nos dois primeiros apresentados: *Casa dos Artistas*, no SBT, e *Big Brother*, na Rede Globo. Importando a idéia da empresa holandesa Endemol, consiste no confinamento de diferentes participantes numa casa, por cerca de três meses, com câmeras de televisão em todos os ambientes, revelando o convívio. Consoante diferentes regras, as pessoas vão sendo eliminadas, uma a uma, por voto popular e a última restante ganha o grande prêmio em dinheiro, que é o que motiva a participação.

Como tentativa de inovação, a televisão introduziu o próprio público como espetáculo, querendo exibir o comportamento de pessoas desconhecidas. Embora todos os selecionados iniciem o Show com as melhores intenções de convivência, no decorrer do tempo, as máscaras comportamentais vão se desfazendo e surge o temperamento real de cada um. E é isso que interessa aos produtores, quando as disputas internas, as intrigas, as brigas, as demonstrações de afeto ou raiva, os apelos sexuais, tornam o programa mais interessante.

Com o sucesso da idéia, vários outros reality shows surgiram, alguns até como sátira, exibindo situações cômicas inverossímeis.

Através dos anos, com os mesmos ou diferentes nomes, os reality shows foram sendo produzidos em diversas emissoras, às vezes, inovando o enfoque com disputas musicais, oportunidades de trabalho e games, mas não despertando mais o fenômeno de audiência inicial.

O *Show do Milhão*, um programa de perguntas sobre conhecimentos gerais com prêmios em dinheiro, cuja idéia foi criada nos Estados Unidos, espalhou-se pelo resto do mundo, e foi lançado, no Brasil, pelo SBT. Tendo

Silvio Santos como animador, e a presença de platéia, o programa sorteava inscritos, de todos os segmentos sociais. À medida que o participante fosse acertando as respostas ia acumulando dinheiro. Se respondesse errado perdia tudo. Algumas regras do esquema faziam o participante poder pedir auxílios, o que ajudava as pessoas menos informadas ganharem alguma quantia. Quem acertasse tudo, ganharia um milhão de reais.

O programa despertou muito interesse do público não só para ver os vencedores, mas também pela curiosidade do telespectador em testar seus conhecimentos e saber que valor poderia ter ganhado se estivesse concorrendo. Embora o maior interesse de produção estivesse no esquema financeiro envolvido, no qual a emissora lucrou muito com o patrocínio, com as vendas paralelas e com a veiculação pela Internet, curiosamente a atração se tornou educativa, contribuindo para aumentar o nível de informação da população. Permaneceu pouco mais de um ano no ar.

A programação televisiva em geral, no novo milênio, não apresentou muita diversificação. Os gêneros consagrados como telejornalismo, dramaturgia, auditório e humorismo continuaram sua trajetória, com sucesso. A telenovela, com muito esmero de encenação, se manteve como a atração de maior êxito junto ao público. As que mais se destacaram foram *O Clone*, *Esperança*, *Senhora do Destino* e *Belíssima*, na Rede Globo, que prosseguiu líder de audiência, apesar de sua hegemonia continuar sendo ameaçada pelo SBT e pela Rede Record, em determinados horários. A Rede Record, a partir de 2003, com nova mentalidade empresarial, comprou novos estúdios, adquiriu equipamentos digitais, contratou inúmeros profissionais de outras emissoras e lançou diferentes programas, inclusive telenovelas, algumas de muito sucesso público como *Prova de Amor*, *Bicho do Mato* e *Luz do Sol*. Também o SBT e a Rede Bandeirantes veicularam novelas. Nesta última, que abreviou seu nome para Rede Band, alcançou boa audiência a novela infanto-juvenil *Florisbela*.

No telejornalismo, o noticiário *Jornal da Record* dispensou o jornalista Boris Kasoy, seu âncora há vários anos, colocando um casal como apresentadores, imitando, intencionalmente, o esquema de apresentação do *Jornal Nacional*, da Rede Globo.

Outra novidade ocorreu no SBT, uma emissora que não se preocupa muito com o gênero, e que surpreendeu, em 2005, tirando, com grande estardalhaço, a jornalista Ana Paula Padrão, da Rede Globo para apresentar o telejornal *SBT*

– Brasil. O noticiário não teve a audiência esperada e, depois de sucessivas mudanças de horário, Ana Paula Padrão deixou de comandá-lo. Atualmente, é apresentado por Carlos Nascimento.

Os programas jornalísticos sensacionalistas se acentuaram no vídeo, principalmente na Rede Band e na Rede Record, emitidos por volta das 19h.

Novos comunicadores, já despontados no final dos anos 90, confirmaram sua presença no vídeo, com relativo sucesso.

Na Rede Band, apresentado por Luciano Hulk, prosseguiu o programa H, diferenciado, extremamente erótico, dirigido aos jovens, com a participação de mulheres sensuais. Com o êxito de audiência, o apresentador foi contratado pela Rede Globo, onde apresenta Caldeirão do Hulk, aos sábados à tarde.

Produções como Super Pop, na Rede TV! e É Show, na Rede Record, continuaram com as apresentadoras Luciana Gimenez e Adriana Galisteu. Os dois programas exibiam atrações variadas, entrevistas e música. Adriane Galisteu foi contratada pelo SBT, onde apresenta programa de variedades. Super Pop, da Rede TV! vem se especializando em entrevistas sensacionalistas, obtendo melhor audiência.

102

Ainda na Rede TV!, o programa de auditório Eu Vi na TV, de João Kleber, chamou a atenção por se constituir numa atração de baixo nível, onde participantes viam pessoas as quais estavam afetivamente comprometidas cometendo “adultério”. Apesar de toda a farsa evidente, o público se envolvia com as brigas e o programa fez sucesso, chegando a ser produzido, pelo mesmo apresentador, em Portugal.

Contudo, por desrespeitar determinações da censura, Eu vi na TV foi retirado do ar, pela direção da emissora, em 2005.

Outro apresentador surgido, Gilberto Barros, iniciou sua atração na Rede Record e, mais tarde, transferiu-se para a Rede Band, onde manteve, por alguns anos, o programa Boa Noite Brasil. Também o apresentador Raul Gil que, desde a década anterior, na Record, obtinha sucesso com seu programa de calouros, em 2006 se transferiu para a Rede Band.

Os grande comunicadores do vídeo Silvio Santos, Hebe Camargo, Gugu Liberato, Ratinho e Fausto Silva, mantiveram suas atrações. Os quatro primeiros no SBT e Faustão na Rede Globo. Conforme o estilo de cada um, o telespectador continua assistindo a jogos e sorteios, entrevistas, reportagens, musicais e humor.

Além dos programas noturnos, Silvio Santos, em 2007, começou,

outra vez, a se apresentar aos domingos à tarde, trazendo de volta antigas produções de jogos e prêmios. O programa do apresentador Gugu passou a ser veiculado após às 17 horas.

Nas redes Band, Record, Rede TV! e na TV Gazeta, de São Paulo, prosseguiu a emissão de programas religiosos evangélicos, em diversos períodos, inclusive no horário nobre. A Band, Rede TV! e Gazeta, que, ao contrário da Record, não pertencem a grupos empresariais evangélicos, alugaram horários nobres para essas igrejas, com grande faturamento comercial.

No humor, algumas novidades surgiram. Na Rede TV! foi criado o programa Pânico, que priorizando uma vulgaridade proposital, apresentou reportagens, entrevistas, números musicais e curiosidades, sempre com intenções de deboche e ironias. A idéia do programa é interessante, mas sua execução acaba se tornando fraca pela falta de um texto que oriente seus participantes nas matérias apresentadas. O programa, no entanto, vem crescendo em popularidade.

Outra atração no humor foi a criação, na Rede Record, de Show do Tom, com Tom Cavalcanti, humorista que despontou para o sucesso na Rede Globo, nos anos 90. Show do Tom é calcado principalmente na imitação de pessoas ou programas famosos, em tom caricatural. Tem a participação de outros humoristas, tais como, Tiririca e Goretti Milagres.

Na Rede Globo continuaram os programas Casseta e Planeta-Urgente, Zorra Total (que agrupou todos os comediantes da emissora) e A Turma do Didi, com Renato Aragão. Voltou ao ar o programa A Grande Família, uma comédia de costumes, que, com outro elenco, repetiu o sucesso alcançado na década de 70. Outras comédias de costumes foram criadas, na emissora: A Diarista e Sob Nova Direção, veiculadas semanalmente.

No SBT, além de A Praça é Nossa, foi criada a comédia semanal Meu Cunhado, com o famoso humorista Ronald Golias. Apesar das gravações terem se encerrado, o programa, algumas vezes, é reprisado em homenagem a Golias, falecido em 2005.

A programação infantil prosseguiu na apresentação tradicional de desenhos e filmes de aventura. A Rede Globo, no início da década voltou a produzir a série O Sítio do Picapau Amarelo, sucesso desde os anos 70, que havia sido interrompida. Com ótima produção e muita criatividade, o programa tem boa repercussão junto ao público infantil.

Dentre as apresentadoras famosas, a única que continua é Xuxa, com o programa TV Xuxa, na Rede Globo. Angélica deixou o gênero, participando, também na Globo, de outros tipos de programas e a apresentadora Eliana encerrou seu programa infantil na Rede Record em meados da década, passando a apresentar programas de games, prêmios e variedades.

Como inovação, o SBT introduziu crianças como apresentadores de sua programação infantil. Mas a maior incentivadora do gênero continuou a ser a Rede Cultura, com sua programação especial, não só de entretenimento, mas também educativa, com programas como Glub Glub, Cocoricó, Castelo Rá Tim Bum e outros. Aliás, a Rede criou a TV Rá Tim Bum, em UHF, de sinal pago, com programação destinada exclusivamente à diversão e orientação da criança.

Os programas esportivos mostraram novidades apenas no sentido técnico de transmissão. Como na década anterior, toda cobertura esportiva foi realizada, ao vivo ou em videotape, e se manteve a emissão de programas de comentários ou mesas de debates, com vários convidados, em diversas emissoras. Por ser uma atração de grande audiência, o esporte continuou contando com poderosos patrocinadores comerciais. A Rede Record conseguiu direitos de transmissão de jogos das Copas do Futebol Brasileiro, até então, exclusividade da Rede Globo.

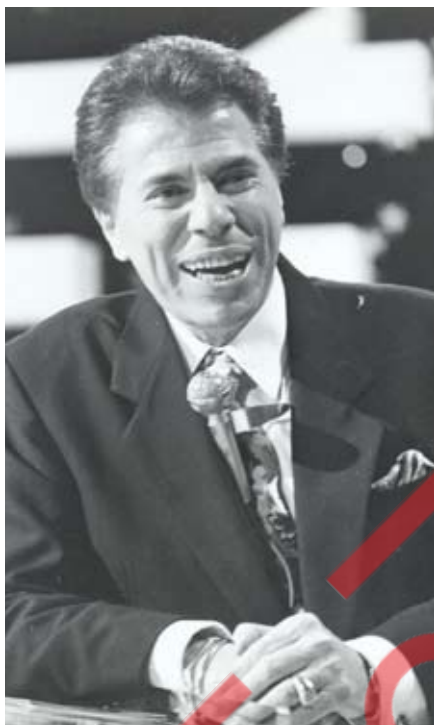
O contínuo aprimoramento técnico vem tornando cada vez mais eficaz a união Televisão-Internet, nesta década. Todas as emissoras possuem seus sites nos quais veiculam a programação que produzem, além de disponibilizarem dados técnicos, informes especiais, fotos, conversas com o público, troca de produtos e outros. A própria Internet já criou o primeiro canal de Televisão, o ALL TV, no qual o espectador assiste e interfere na programação.

A grande promessa técnica televisiva para a década é a implantação da TV Digital no Brasil. Após o surgimento nos Estados Unidos em 1997, os anos 2000 iniciaram um debate sobre sua utilização entre nós. Com qualidade de imagem e som muito superiores aos atuais, com as possibilidades de conexão do aparelho televisor à Internet e a captação de programas através dos telefones celulares, a TV digital será mais uma importante conquista técnica para o aprimoramento da televisão brasileira. O sistema digital definido para o país foi o modelo japonês. As emissoras estão equipadas, mas estima-se que demorará alguns anos sua

implantação junto ao grande público, em razão das inúmeras substituições da técnica analógica pela digital.

O pilar de sustentação da programação televisiva continuou a ser o econômico. Tem-se que conseguir audiência a qualquer custo para obter o lucro financeiro. Isso faz, com raras exceções, que continuem a ser exibidos no vídeo das emissoras comerciais, programas de qualidade cultural muito baixa. Mesmo a telenovela, a produção mais cara do veículo, embora com encenação sempre melhor, apresenta textos incoerentes, incompatíveis com a realidade, em busca de sensacionalismos que aumentem a audiência.

Entre as raras exceções, no entanto, algumas emissoras exibiram programas muito elogiados pela crítica e pelo público. A Rede Globo, a emissora de maior apelo comercial, apresentou, sem grande preocupação de audiência, a série *Hoje é dia de Maria*, com direção de Luiz Fernando Carvalho, considerada uma verdadeira obra-prima televisiva, pela qualidade de texto, pela criatividade, pela produção, encenação e representação. Exibiu também boas minisséries e micro-séries, destacando-se *Cidade dos Homens*, que retratou a sobrevivência, a ética e a expressão cultural de favelas brasileiras. A Rede Band apresentou, entre outros especiais, uma excelente série musical sobre a carreira do compositor Chico Buarque de Holanda. A Rede Cultura, a exemplo da década anterior, manteve sua boa programação cultural, com programas como *Ensaio*, *Roda Viva*, *Metropolis* e outros.



Programa Show do Milhão-SBT-2000.Foto Silvio Santos.SBT-Divulgação.



O clone - telenovela - Rede Globo-2002. Na foto Giovana Antonelli e Maurício Benício.Foto João Miguel Jr. Rede Globo.



Terra Nostra-telenovela-
Rede Globo-2000.
Foto Ana Paula Arósio,
Thiago Lacerda.
Rede Globo-Divulgação.



Senhora do Destino - telenovela - Rede Globo-2004. José Wilker, Suzana Vieira e José Mayer.
Foto Giane Carvalho. Rede Globo.

107



Programa Ensaio - Rede Cultura-2005. Na foto Maria Rita. Centro de Documentação.RTC



Cidade dos Homens - seriado - Rede Globo-2005. Foto João Miguel Jr. Rede Globo

108



Programa Zorra Total - Rede Globo-2006-Foto Fabiana Karla e Dionísio. Rede Globo-Divulgação.



Programa TV Xuxa - Rede Globo-2006. Foto Xuxa Meneghel. Foto de João Miguel Jr.-Rede Globo.



Programa Todo Seu - TV Gazeta-2006. Foto Ronnie Von e Fagner. TV Gazeta-Divulgação.



Programa Silvia Poppovic-Rede Cultura-2006.Na foto Silvia Poppovic e platêia. Centro de Documentação-Rede Cultura.



Programa Sítio do Picapau Amarelo - seriado - Rede Globo-2006. Foto de João Miguel Jr.-Rede Globo



111 Programa Raul Gil - Rede Band-2006. Na foto Raul Gil e Moacir Franco. Rede Bandeirantes-Divulgação.



Programa Pra Você - TV Gazeta - 2006. Na foto a apresentadora Ione e Sidnei Magal. Foto Mayra Reis-FCL.NET



Programa Metrópolis - Rede Cultura-2006. Na foto Cunha Jr. e Cuca Lazarotto. Foto de Adriana Elias.Centro de documenta o.RTC.

112



Programa Mulheres - TV Gazeta-2006. Na foto,entre outros, o ator Pedro Paulo Rangel e a apresentadora Kátia. TV Gazeta-Divulga o.



Programa Mais Você - Rede Globo-2006. Na foto Ana Maria Braga e Louro José. Foto Zé Paulo Cardeal. Rede Globo



Programa Malhação - Rede Globo-2006. Na foto, ao centro, Daniel Boaventura. Foto João Miguel Jr. Rede Globo.



Programa Jornal da Band - Rede Band-2006. Na foto Mariana Ferrão, Ricardo Boechat, Joelmir Beting. Rede Bandeirantes-Divulgação.

114



Programa Jornal da Cultura - Rede Cultura-2006. Foto de Adriana Elias.Centro de documentação. RTC.



Programa Caldeirão do Hulk-Rede Globo-2006. Na foto Luciano Hulk.Foto João Miguel Jr. Rede Globo

115



Programa Cocoricó - Rede Cultura - 2006 - Centro de documentação.RTC



Programa Boa Noite Brasil - Rede Band-2006. Na foto Gilberto Barros. Rede Bandeirantes-Divulgação.

116



Programa Brasil Urgente - Rede Band-2006. Na foto o apresentado José Luiz Datena. Rede Bandeirantes-Divulgação.



Floribella- telenovela - Rede Band-2006.Na foto Juliana Silveira e Roger Gobeth.Rede Bandeirantes-Divulgação.

117



Programa A Grande Família - Rede Globo-2006. Na foto Guta Stresser, Pedro Cardoso, Marco Nanini, Lúcio Mauro Filho e Marieta Severo.Foto Renato Rocha Miranda-Rede Globo.



Programa Big Brother Brasil - Rede Globo-2006. Na foto participantes do programa. Foto Kiko Cabral. Rede Globo.

118



Belíssima - telenovela - Rede Globo-2006. Na foto Claudia Abreu, Tony Ramos e Glória Pires. Foto João Miguel Jr. Rede Globo.



São Paulo, 2008
Composto em Myriad no título e ITC Oficina Sans, corpo 12 pt.
Adobe InDesign CS3

<http://www.centrocultural.sp.gov.br>